

THEATRO DE S. CARLOS  
TALAZAC

LUCIA



ONOTAVEL TENOR  
TALAZAC



LUCCREGIA



UM BRAVO A MANCINI!!!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

As honras do desempenho da Lucia, em geral bem executada, ca-  
bem essencialmente ao tenor Talazac, que, na primorosa fórma porque  
cantou toda essa opera, nos deu a nota clara do que são os seus dotes  
de grande artista e do que valem os seus recursos de cantor de primeira  
ordem.



## POR AHI...



O leitor, provavelmente, não está enfronhado nos processos a seguir para a vida de chronista. Pois vamos enfronhal-o.

Cria que é um serviço importantissimo que nos ficará devendo, porque, em summa, ninguém sabe o destino que lhe está reservado n'este mundo, e o leitor póde ainda muito bem e por mal de seus peccados vir a acabar em chronista — se não tiver empenhos que o mettam no Asylo de Mendicidade.

Ninguém ignora que, para caixeiro de mercearia, são indispensaveis tres requisitos: saber ler, escrever e contar. Para chronista bastam apenas dois: o primeiro e o ultimo; isto é, saber lêr as folhas diarias, para estar ao facto do que vaç acontecendo, e saber depois contar o assumpto capital de todos esses acontecimentos.

Saber escrever tambem é bom, mas não se torna propriamente indispensavel.

Este requisito deve, porem, ser substituido por um outro: saber ouvir.

Depois de lêr nos jornaes o que se passa, o principal e o mais delicado trabalho do chronista está em ouvir nas cavaqueiras dos cafés, nas conversações do lar, nos commentarios do barbeiro, nas catureiras da botica, a forma porque se apreciam os factos succedidos, e, conforme a importancia assumida por cada um d'elles, discriminar de todos aquelle que mais impressionou a opinião publica e aproveitá-lo então, em todas as suas minudencias, como salchieiro intelligente aproveita um porco em todas as suas miudezas...

Ora é precisamente n'este ponto que surgem as difficuldades ao chronista, especialmente quando — como na semana decorrida — o assumpto considerado capital sae um capital insolúvel, por não chegar a ter cotação na bolsa da opinião publica.

Foi o que aconteceu com a noticia da victoria alcançada pela expedição africana sobre a eterna rebeldia do famigerado Bonga.

A importancia d'este acontecimento fez-nos suppôr — pobre chronista ingenuo que nós somos! — fez-nos suppôr que a opinião publica, a opinião particular, a opinião que não é publica nem particular, a imprensa que bebe os ares pelo governo, a que bebe os ventos pela opposição, e ainda a que não bebe nem os ares nem os ventos por esta ou por aquelle, saltariam para ahi n'um côro unisono e retumbante como o côro dos bispos da *Africana*, a cantar hymnos, a cantar victoria, a cantar hossanas, a cantar emfim todas as cantigas apropriadas ao assumpto; um côro, em summa, de tão avolumado patriotismo que mettesse n'um chinello de Cendrillon o proprio patriotismo da immortalista gorda!

E, n'esta candida supposição, deixámo-nos ficar á espera de que a opinião publica saltasse, e a imprensa

saltasse no tal côro, com o que nós saltariamos de contente por isso nos offercer chorudo assumpto para o tempero da nossa chronica.

Esperámos, fartámo-nos de esperar, e afinal ninguém saltou!

Se se tratasse d'um escandalosinho politico, onde ficassem envolvidos alguns vultos mais notaveis das varias parcialidades, onde meia duzia de nomes até agora considerados podesse andar de roldão com a vasoira municipal, na comunidade dos lameiros podres, então sim! então veriam como a opinião publica saltava de curiosidade, como a imprensa saltava de entusiasmo, como todos saltavam de interesse pelo assumpto, num *stepl-chasse* vertiginoso a causar inveja aos mais afamados saltarellos!

Mas tratava-se simplesmente do esforço glorioso de alguns portuguezes benemeritos; tratava-se apenas da annullação completa d'um potentado côr de carvão de cisco e que era ha tão longos annos o papão inamovível dos territorios portuguezes em Africa; tratava-se unicamente d'uma victoria por todos os titulos gloriosa — e realisada em taes condições de economia que nem que fosse adquirida como saldo de bazar para liquidação completa de victorias...

E isso bastou para que, nem imprensa, nem publico, nem pessoa alguma fallasse ou pensasse em tal!

Em egualdade de circumstancias, a poderosa Inglaterra teria expedido telegrammas para todos os cantinhos d'este mundo; teria transformado os heroes do feito em outras tantas estrelas de brilhantes para adornar os carrapitos da lua; teria feito conduzir a Londres o famigerado Bonga, expondo-o á curiosidade publica — a *scheling* por cabeça; teria, emfim, tirado d'este acontecimento importantissimo todo o partido possivel e todas as libras sterlinas ao seu alcance.

Nós não tirámos nada, porque apenas sabemos tirar... o merecimento as coisas que realmente o teem...

Mas descansem os que levaram a cabo a gloriosa campanha contra o Bonga, porque a patria hade fazer-lhes justiça... d'aqui a duzentos e quarenta e sete annos...

Para que lhes não reste duvida sobre esse ponto, reparem nas manifestações, luminario — foguetorio — patriotico — phylarmonicas, que por ahi se estão fazendo dos heroes de 1640.

A justiça — acreditem-n'o! — está no animo dos corações portuguezes.

O que leva é muito tempo a abeberar...



## THEATRO DO GYMNASIO

SEXTA-FEIRA, 2 DE DEZEMBRO

N'esta semana,  
N'este edificio,  
É do Sant'Anna  
O beneficio.

Tão curto aviso  
Avisa á farta  
— Nem é preciso  
Pôr mais na carta.



## PENDENCIA DE HONRA



## ACTA

Aos vinte e nove dias do mez de novembro de mil oitocentos oitenta e sete, na casa da redacção dos *Pontos nos II*, compareceu o sr. Coimbra, nosso-conspicuo fornecedor de calçado,

1.º—Para elle nos declarar que o seu estabelecimento gira sob a firma *Coimbra & Companhia*;

2.º—Para nós lhe declarar-mos se, na estampa publicada no nosso ultimo numero, se envolvia alguma referencia mediante a qual periclitassem os bons creditos das suas botas de polimento e dos seus sapatos de cordovão.

Com a dignidade fidalga de cavalheiros que nos prezamos de ser, apraz-nos responder nobremente:

— Nada d'isso! O sapateiro *Coimbra & Companhia* é tão diligente no acabamento das suas obras, que muitas vezes acontece o seguinte:

Entra um freguez no estabelecimento e diz:

— O' mestre! Faz favor de me tomar medida para umas botas?

— Prompto! As suas botas já estão ali na prateleira, e mais as do seu filho...

— Mas eu não tenho filhos!

— É para quando os tiver... E mais as do seu neto, e bisneto, e trineto... e de toda a sua familia, em summa, até á quinquagessima geração!

Attestamos, pois, a promptidão do sapateiro *Coimbra & Companhia*, assegurando que os freguezes d'aquelle estabelecimento to ainda não tem as botas no pensamento e já as tem nos pés!...



À AMERICANA

P'ra que a roda afortunada  
No Natal não lhe desande,  
O Silva põl-a travada;  
Não dá brinde, não dá nada,  
Mas vac dar a sorte grande.



Ha que tempos parafuso  
Em ter muita e muita teca,  
Té que enfim scismar escuso  
P'ra annullar a sorte péca:  
— Vou direito como um fuso  
A'S CAUTELLAS DO FONSECA!



## SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

A sciencia e a mecanica vão-se assenhoreando a olhos vistos de todas as coisas cujo funcionamento dependia do esforço humano ou da habilidade de cada um.

A locomotiva substituiu a diligencia; o telegrapho arruinou o estafeta; o telephone deu cabo do gallego; a machina Singer arrazou o fabricante de dedaes; e agora o teclado-automatico vem espatifar o Macario— como synthese de toda a geração dos pianistas!

A empresa do armazem de pianos estabelecido no Chiado n.º 110 a 114, recebeu ha pouco esse instrumento curioso, *heropiano* ou *teclado-automatico*, mediante o qual toda a gente pôde tocar ao piano um infinito repertorio de peças escolhidas, se moutras habilitações musicaes alem d'uma leve pratica no officio de moer café!

Tres semanas de merccaria equivalem ao curso completo do conservatorio, e um marçano experimentado pode substituir vantajosamente o Arthur Napoleão!

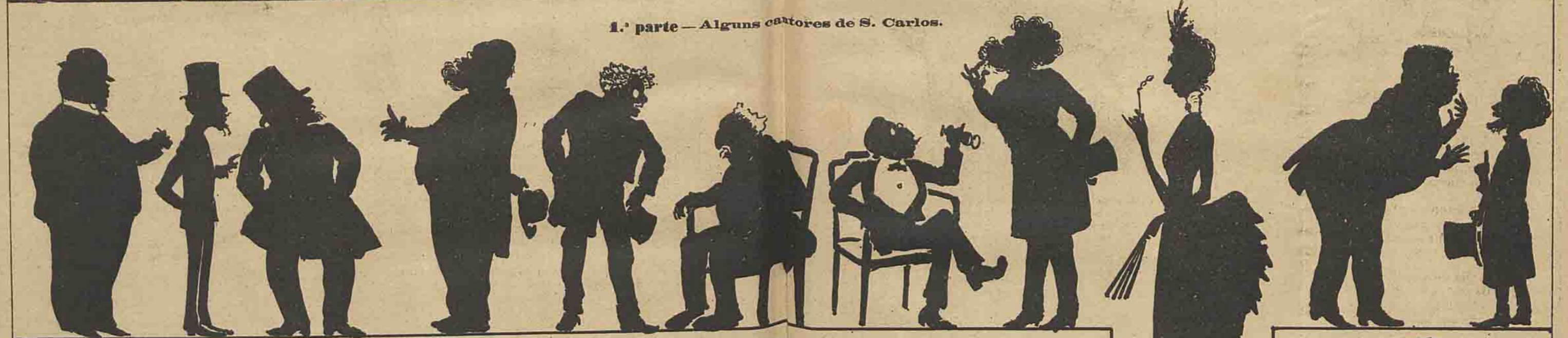
*San. Savatella*



# SOMBRINHAS



1.ª parte — Alguns cantores de S. Carlos.



Alguns frequentadores das cadeiras.



O salão, em noite de entusiasmo... político.



## RECTIFICAÇÃO

Recebemos a seguinte carta.

Sr. redactor.

O retrato publicado no ultimo numero dos *Pontos nos ii* parece-se tanto commigo como um ovo do sr. prior da Lapa com um espeto do sr. Alberto Pimentel. O *Coxo* do restaurante Tavares é testemunha do que affirmo. Queira fazer a rectificação, sr. redactor, pondo-me bonito como eu sou, para satisfação da justiça e contentamento das cadellas das minhas relações.

De V. etc.

Fantoche.



## A QUESTÃO DO PADROADO

A questão do padroado,  
Que anda escura como breu.  
Deu, como diz o ditado,  
Um dize tu, direi eu!

Diz este que aquelle disse  
O que hoje não diz, formal;  
Aquelle diz que não disse,  
Dizendo: — Não disse tal!

— Que disse como eu lhe digo  
Ha gente que o disse e diz...  
— Não disse! digo e redigo!  
— No que hoje diz, se desdiz...

— Se o dito, que não foi dito,  
Tivesse eu dito, dizia!  
Mas o dito sobredito  
Não disse, nunca o diria!

— Não disse?—que está dizendo?!—  
Não quer dizer, pois não diga!  
Que eu digo e vou redizendo  
Que disse — e não me desdiga!

— Já lhe disse: se o dissera,  
Diria que o tinha dito!  
Nunca o dito desdissera...  
Tenho dito! — o dito, dito!...

*Fantoche*

## ADELINO

(O CONQUISTADOR)



Adelino Goes de Brito.  
Morador em Ribamar,  
Era o homem mais bonito  
Que se pode imaginar.

Donzellas, que na cruel  
Chamma do amor se consomem,  
Diziam, fallando d'elle:  
— Jesus! que belleza d'homem!



E, ao vêr-lhe o rosto leonino  
E os labios cõr de cereja.  
O general Zé Paulino  
Tremia, cheio d'inveja.

Em bailes e em recepções  
O seu olhar vencedor  
Lançava nos corações  
Ignotos philtros d'amor.

E assim o loiro Adelino  
(Vallei-me, ó rimas em-suchas!)  
Vivia como um menino  
Mettido nas mãos das bruxas

Que grande belleza a sua  
Que grande deslumbramento,  
Quando elle andava na rua  
Com butins de polimento!





Mas um dia, (que destino,  
Que até compunhe as urtigas!)  
O desgraçado Adelino  
Cae de cama com bexigas...

Das garras negras da morte  
Logrou salvar-se, o ditoso,  
Mas ficou,—damnada sorte!—  
Ficou todo bexigoso!



II

D'um bairro quieto e escuro,  
N'uma rua sosegada  
O Brito subiu a um muro  
P'ra fallar á sua amada.

E, enquanto ao fulgor da lua  
Dizia umas phrases ternas,  
De repente cae á rua:  
E quebrou uma das pernas.

D'esta vez fugiu á morte  
Depois d'um mez de dietas,  
Mas ficou—damnada sorte!—  
Bexigoso... e de muletas.



III

N'uma noite de luar  
O Brito—esse aventureiro,  
Começou a namorar  
A esposa d'um conselheiro.

Foi em S. Carlos. Ignez,  
(Ignez era o nome d'ella)  
Mirava-o com fixidez,  
Muito loira e muíto bella

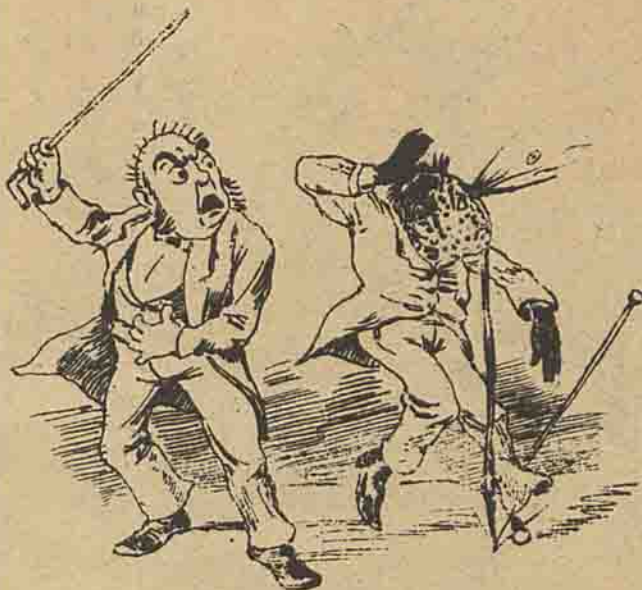
E o Adelino olhava exausto  
Essa flôr esmaecida  
Como o velho Doutor Fausto  
No balcão de Margarida.

Como não quero massar  
O meu paciente leitor,  
Vou, sem demora, contar  
Como acabou este amor

De Ignez o velho marido  
—O conselheiro Bemposta,  
Percebeu que era illudido  
Que andava moiro na costa.

Por isso, sem mais *aquellas*,  
Pegou na rija bengalla,  
E, á doce luz das estrellas  
E do luar cõr d'opala,

No mais feroz desatino,  
Raivento como um chacal,  
Deu uma sova real  
N'o desditoso Adelino.



E depois, allucinado  
E ainda não satisfeito,  
Qu'rendo deixal-o marcado  
Vasou-lhe o olho direito.

Adelino Goes de Brito,  
Morador em Ribamar,  
Que era o homem mais bonito  
Que se póde imaginar,

Das garras negras da morte  
Logrou salvar-se o ditoso,  
Mas ficou—damnada sorte!  
Cego, manco e bexigoso!



*Augusto Bordallo Pinheiro*



## O RABANETE E A NABIÇA



O rabanete e a nabiça,  
De paixão ardendo em brasa,  
Cazaram-se, ouviram missa,  
Foram direitos p'ra casa.



Questão de genio, ou que fosse,  
Os dois começaram cedo:  
Elle a achal-a muito doce,  
Ella a achal-o muito azedo...



Pedem juiz que os descaze ;  
— A solução não é nova  
Mas tem moral : — ninguém case  
Sem primeiro fazer prova...

*Cam. Tarantula*